Juventude e AIDS: conhecimento entre os adolescentes de uma escola pública em Canoas, RS

Youth and AIDS: knowledge among adolescents of a public school in Canoas, RS

Silvana Salgado Nader[1], Caroline Reis Gerhardt[2], Paulo de Jesus Hartmann Nader[3], Denise Neves Pereira[4]

RESUMO

Introdução: A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é uma pandemia com alto nível de letalidade, sendo que os adolescentes constituem-se num preocupante grupo de risco. O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento da AIDS em adolescentes de uma escola pública, no município de Canoas, Rio Grande do Sul, comparando as diferenças e semelhanças entre gêneros. **Metodologia:** Estudo descritivo, transversal, de caráter quantitativo, do tipo inquérito. Na análise foram utilizados os testes t-Student, qui-quadrado de Pearson ou Exato de Fisher. As análises foram realizadas no programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 10.0. **Resultados:** Foram estudados 221 alunos de 7ª e 8ª séries. Não houve predomínio de gênero. A média de idade foi de 14,4 ± 1,39 anos. Quanto ao conhecimento dos adolescentes sobre AIDS, 91% respondeu afirmativamente. Em relação à transmissão vertical do HIV, as adolescentes negaram conhecer esse modo de transmissão, muito mais que os meninos (p=0,028). Por outro lado, julgaram necessário o teste anti-HIV para usuários de drogas injetáveis e para quem fez transfusão de sangue. **Conclusão:** A maioria dos adolescentes dessa escola possui um conhecimento adequado, porém conceitos errôneos ainda existem e precisam ser trabalhados.

UNITERMOS: Adolescentes, Adolescência, Conhecimento, SIDA, DST.

ABSTRACT

Introduction: *The Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS) is a pandemic with a high level of lethality, and the adolescents are a worrying risk group. The aim of this study was to evaluate knowledge of AIDS among adolescents in a public school in the municipality of Canoas, Rio Grande do Sul, comparing gender differences and similarities.* ***Methods:*** *A descriptive, transversal study of the quantitative, inquiry type. The statistical analysis was done with the Student's t-test, Persons's Chi-square test or Fisher's Exact Test. Data were processed with software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences, version 10.0).* ***Results:*** *221 7th and 8th grade students were investigated. There was no gender predominance. The mean age was 14.4 ± 1.39 years. Concerning adolescent's awareness about AIDS, 91% answered in the affirmative. As for mother-to-child HIV transmission, the girls said they were unaware of this mode of transmission, much more than the boys did (=0.028). On the other hand, they recognized the need to test intravenous drug users and individuals submitted to blood transfusions for HIV.* ***Conclusion:*** *Most adolescents of this school have an appropriate knowledge about AIDS, but misconceptions still exist and should be worked at.*

KEYWORDS: *Adolescents, Adolescence, AIDS, Knowledge, STD.*

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é um problema de grande preocupação mundial nos tempos atuais. Conforme o relatório anual do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, existe cerca de 33 milhões de pessoas vivendo com HIV/AIDS no mundo (1).

Apesar de haver uma estabilização nas suas taxas (UNAIDS/OMS 2006), a infecção pelo HIV vem aumentando entre os adolescentes em todo o mundo (2, 3). Quase metade dos novos casos de AIDS ocorre entre os jovens com idade entre 15 e 24 anos (4). Apesar da grande divulgação através da mídia e de campanhas na comunidade e em escolas, a ausência do uso de preservativo masculino nas relações sexuais ainda é um fator de grande relevância na contaminação desses jovens (4). Problemas relacionados a diferenças socioculturais entre os gêneros tornam as adolescentes um grupo ainda mais vulnerável, pois, apesar de conhecerem os riscos de uma relação não protegida, ainda

[1] Mestre em Saúde Coletiva pela ULBRA. Professora de Pediatria da ULBRA.
[2] Médica graduada pela ULBRA. Médica.
[3] Mestre em Pediatria pela UFRGS. Chefe do Serviço de Pediatria da ULBRA. Professor Adjunto de Pediatria da Faculdade de Medicina da ULBRA.
[4] Doutora em Pediatria pela UFRGS. Professora Adjunta de Pediatria da ULBRA e neonatologista, HCPA.

11-455_juventude_e_aids.pmd 374 14/12/2009, 10:53

se sentem inibidas por solicitar o uso do preservativo nas suas relações (5, 6).

Vários trabalhos evidenciaram falhas no conhecimento sobre HIV/AIDS, identificando a necessidade de se valorizar as diferenças entre os gêneros, no momento de estabelecer mudanças na prática, como no caso do uso do preservativo masculino (6, 7). A sugestão desses autores é que os programas de prevenção levem em conta não apenas a vulnerabilidade individual, mas, também, a social.

O ambiente escolar é bastante adequado para se trabalhar conhecimentos, mudança de comportamento e habilidades, considerando-se que o adolescente permanece boa parte do seu tempo dentro da escola. Algumas instituições mantêm programas de educação sexual organizados para essa população de jovens, mas não possuem um sistema de avaliação da efetividade e eficácia.

Nesse sentido, este estudo teve como objetivo investigar o conhecimento de uma população de adolescentes inserida em uma escola pública, em relação à AIDS, comparando as diferenças e semelhanças entre os gêneros.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo descritivo, transversal, de caráter quantitativo, do tipo inquérito, que incluiu alunos de 7ª e 8ª séries da *Escola Municipal Thiago Wurthi, em Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.* Estavam matriculados nas últimas séries do ensino fundamental, 407 alunos. Destes, 221 adolescentes aceitaram participar do estudo, preenchendo o instrumento aplicado. Todos os adolescentes tiveram a permissão dos pais para participar do estudo após o preenchimento de um termo de consentimento livre e esclarecido, que garantiu o sigilo dos dados e dos sujeitos.

O instrumento da coleta de dados utilizado na pesquisa foi um questionário autoaplicável, pré-codificado, anônimo, com base no questionário utilizado pelo Ministério da Saúde (http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/141questionario.pdf). Foi composto por seções com perguntas sociodemográficas, reprodutivas, comportamentais, conhecimento sobre transmissão e prevenção da AIDS, e sobre o uso do preservativo masculino. As respostas eram do tipo múltipla escolha e havia uma alternativa a ser marcada por quem desconhecesse o assunto. Os questionários foram entregues aos alunos em envelopes fechados, numerados, aplicados em sala de aula durante o período de uma hora/aula, por uma única pesquisadora.

O projeto foi aprovado no comitê de ética e pesquisa da Universidade Luterana do Brasil sob número 2006291H.

Após a revisão e digitação dos questionários, os dados foram inseridos em um banco de dados utilizando-se programa SPSS 10.0. As idades dos adolescentes e de início da vida sexual foram descritas através de média e desvio-padrão. As variáveis categóricas foram descritas através de frequências absolutas e relativas. Para comparar as médias de idade de início da vida sexual entre meninos e meninas, o teste t-Student foi aplicado. Para avaliar a associação entre as variáveis categóricas, os testes qui-quadrado de Pearson ou Exato de Fisher foram utilizados. O nível de significância adotado foi de 5%, sendo considerados estatisticamente significativos, valores de $P<0,05$. As análises foram realizadas no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 10.0.

Foi realizado um controle de qualidade dos dados digitados através do sorteio de alguns instrumentos (20%), com a conferência dos mesmos.

RESULTADOS

Participaram do estudo 221 adolescentes. Não houve predomínio de gênero e a média de idade foi de 14,4, ±1,39 anos. Em relação à cor, houve predomínio dos brancos e, quanto ao estado civil, a quase totalidade revelou ser solteira. Com respeito às suas crenças, a maioria respondeu ser católica ou evangélica (74,2%), conforme demonstrado na Tabela 1.

Na questão referente ao conhecimento sobre a AIDS, 89,6% dos entrevistados respondeu ser uma doença causada por um vírus, não havendo diferença significativa entre os gêneros. Em relação à transmissão do vírus, a maioria (93%) relacionou-a à promiscuidade, não havendo diferença significativa entre os adolescentes do sexo feminino e masculino.

Com relação ao diagnóstico, 93,9% informou adequadamente que é necessário fazer um exame de sangue e que esse se chama anti-HIV. Da mesma forma, quase 100% dos jovens considerou o uso da camisinha como importante na prevenção da AIDS.

A Tabela 2 traz as informações referentes ao conhecimento dos adolescentes na amostra total e por gênero.

Tanto meninos quanto meninas acreditam, na maioria (mais de 75%), que o vírus da AIDS pode passar da gestante infectada para o bebê, mas houve diferença significativa entre os gêneros ($p=0,028$), quanto ao desconhecimento desse modo de transmissão. Mais frequentemente, as adolescentes acreditam que não haja transmissão vertical e os meninos desconhecem esse fato (Figura 1).

A maioria (72%) sabe que quem tem ou teve companheiro sexual com o vírus da AIDS deve fazer teste anti-HIV. Entretanto, quando se analisaram outras formas de contaminação com o vírus, observou-se uma diferença nas respostas dos adolescentes, conforme o gênero. As adolescentes reconheceram como grupo de risco para testar a presença do HIV os drogaditos ou parceiros sexuais de usuá-

11-455_juventude_e_aids.pmd 375 14/12/2009, 10:53

TABELA 1 – Caracterização da amostra

Características	Amostra total (n=221)	Sexo		P*
		Masculino (n=109)	Feminino (n=112)	
	n (%)	n (%)	n (%)	
Faixa etária (anos)				
12-15	169 (76,5)	87 (79,8)	82 (73,2)	0,128
16-19	50 (22,6)	20 (18,3)	30 (26,8)	
Não resposta	2 (0,9)	2 (1,8)	0 (0,0)	
Cor				
Branca	166 (75,1)	80 (73,4)	86 (76,8)	0,479
Não branca	54 (24,4)	29 (26,6)	25 (22,3)	
Não resposta	1 (0,5)	0 (0,0)	1 (0,9)	
Estado civil				
Solteiro	186 (84,2)	95 (87,2)	91 (81,3)	0,380
Casado	4 (1,8)	1 (0,9)	3 (2,7)	
Separado	1 (0,5)	1 (0,9)	0 (0,0)	
Outro	27 (12,2)	10 (9,2)	17 (15,2)	
Não resposta	3 (1,4)	2 (1,8)	1 (0,9)	
Religião				
Católica	98 (44,3)	47 (43,1)	51 (45,5)	0,813
Evangélica	44 (19,9)	20 (18,3)	24 (21,4)	
Outra	24 (10,9)	11 (10,1)	13 (11,6)	
Não tem	53 (24,0)	30 (27,5)	23 (20,5)	
Não respondeu	2 (0,9)	1 (0,9)	1 (0,9)	

* valor obtido pelo teste qui-quadrado de Pearson.

TABELA 2 – Avaliação das questões sobre AIDS na amostra total e por gênero

Questões	Amostra total	Sexo		P
		Masculino (n=109)	Feminino (n=112)	
	(n=221)	n (%)	n (%)	
1. O que é AIDS?				
Sabem	201 (91,0)	101 (92,7)	100 (89,3)	0,810[a]
É uma doença causada por um vírus, o HIV*	180 (89,6)	94 (93,1)	86 (86,0)	0,158[a]
É uma doença considerada venérea, e muito perigosa*	69 (34,3)	31 (28,4)	38 (38,0)	0,408[a]
É uma doença de homossexuais*	4 (1,8)	1 (1,0)	3 (3,0)	0,622[b]
É uma doença de drogados*	6 (3,0)	2 (2,0)	4 (4,0)	0,683[b]
Não sabem responder	20 (9,0)	8 (7,3)	12 (10,7)	0,810[a]
2. Quem pode pegar o vírus da AIDS?				
Sabem	213 (96,4)	103 (94,5)	110 (98,2)	0,167[b]
Homossexuais e prostitutas*	39 (18,3)	22 (21,4)	17 (15,5)	0,422[a]
Qualquer pessoa que faz sexo com mais de um(a) parceiro(a), sem usar camisinha*	198 (93,0)	93 (90,3)	105 (95,5)	0,229[a]
Quem se droga, compartilhando agulhas e seringas*	91 (42,7)	38 (36,9)	53 (48,2)	0,127[a]
Quem toma transfusão de sangue com sangue não testado*	92 (43,2)	37 (35,9)	55 (50,0)	0,053[a]
Não sabem responder	8 (3,6)	6 (5,5)	2 (1,8)	0,167[b]
3. O vírus da AIDS pode passar da gestante infectada para seu bebê?				
Sim, pode passar	173 (78,3)	83 (76,1)	90 (80,4)	**0,028[a]**
Não, não pode passar	8 (3,6)	1 (0,9)	7 (6,3)	
Não sei	40 (18,1)	25 (22,9)	15 (13,4)	
Se você disse sim, você sabia que o AZT pode evitar a transmissão do vírus da AIDS da gestante infectada para seu bebê?				
Sim	45 (26,0)	23 (27,7)	22 (24,4)	0,822[a]
Não	128 (74,0)	60 (72,3)	68 (75,6)	
4. Como podemos saber se temos o vírus da AIDS?				
Sabem	197 (89,1)	95 (87,2)	102 (91,1)	0,211[a]
Fazendo um exame de sangue que se chama anti-HIV*	185 (93,9)	89 (93,7)	96 (85,7)	0,864[a]
Quando se fica muito doente, magro, com diarreia que não passa, e pegando várias doenças*	43 (21,8)	24 (25,3)	19 (18,6)	0,340[a]
Não sabem	24 (10,9)	14 (12,8)	10 (8,9)	0,211[a]

(continua)

11-455_juventude_e_aids.pmd 376 14/12/2009, 10:53

TABELA 2 – Avaliação das questões sobre AIDS na amostra total e por gênero *(continuação)*

Questões	Amostra total (n=221)	Sexo		P
		Masculino (n=109) n (%)	Feminino (n=112) n (%)	
5. O teste anti-HIV é obrigatório?				
Sim	68 (30,8)	33 (30,3)	35 (31,3)	0,650[a]
Não	102 (46,2)	48 (44,0)	54 (48,2)	
Não sei	51 (23,1)	28 (25,7)	23 (20,5)	
6. Quem deve pensar em fazer o teste anti-HIV?				
Sabem	175 (79,2)	86 (78,9)	89 (79,5)	0,534[a]
Quem tem, ou teve uma DST*	64 (36,6)	35 (40,7)	29 (32,6)	0,339[a]
Quem tem, ou teve o(a) companheiro(a) sexual com DST*	99 (56,6)	49 (57,0)	50 (56,2)	1,000a
Quem tem, ou teve o(a) companheiro(a) sexual com o vírus da AIDS*	126 (72,0)	63 (73,3)	63 (70,8)	0,845[a]
As mulheres grávidas*	59 (33,7)	23 (26,7)	36 (40,4)	0,079[a]
Quem faz uso de drogas injetáveis ou quem tem (ou teve) relações sexuais com usuários de drogas injetáveis*	89 (50,9)	35 (40,7)	54 (60,7)	**0,013[a]**
Quem tomou transfusão de sangue não testado*	86 (49,1)	33 (38,4)	53 (59,6)	**0,008[a]**
Não sabem responder	37 (16,7)	20 (18,3)	17 (15,2)	0,534[a]
Não responderam	9 (4,1)	3 (2,8)	6 (5,4)	0,534[a]
7. O que é necessário para fazer o teste anti-HIV?				
Sabem	100 (45,2)	46 (42,2)	54 (48,2)	0,118[a]
Não é preciso dar o nome quando é feito no CTA*	29 (29,0)	15 (32,6)	14 (25,9)	0,608[a]
É gratuito na rede pública de saúde*	80 (80,0)	34 (73,9)	46 (85,2)	0,249[a]
É necessário dar o nome*	23 (23,0)	10 (21,7)	13 (24,1)	0,970[a]
É sempre pago*	4 (4,0)	3 (6,5)	1 (1,9)	0,331[b]
Não sabem responder	112 (50,7)	61 (56,0)	51 (45,5)	0,118[a]
Não responderam	9 (4,1)	2 (1,8)	7 (6,3)	0,118[a]
8. A pessoa que tem o vírus da AIDS precisa usar camisinha para não pegar mais vírus e assim evitar ficar ainda mais doente?				
Concordo	173 (78,3)	83 (76,1)	90 (80,4)	0,121[a]
Não concordo	16 (7,2)	10 (9,2)	6 (5,4)	
Não sei	25 (11,3)	15 (13,8)	10 (8,9)	
Não responderam	7 (3,2)	1 (0,9)	6 (5,4)	
9. Como você pode evitar o vírus da AIDS?				
Sabem	207 (93,7)	103 (94,5)	104 (92,9)	0,823[a]
Não é possível evitar*	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	-
Não fazendo sexo*	12 (5,8)	5 (4,9)	7 (6,7)	0,779[a]
Usando a camisinha*	201 (97,1)	101 (98,1)	100 (96,2)	0,683[b]
Ter só um parceiro sexual*	65 (31,4)	32 (31,1)	33 (31,7)	1,000[a]
Evitando ter sexo com prostitutas e michês*	59 (28,5)	30 (29,1)	29 (27,9)	0,965[a]
Evitando sexo com homossexuais*	25 (12,1)	17 (16,5)	8 (7,7)	0,083[a]
Evitando uso de drogas injetáveis*	87 (42,0)	33 (32,0)	54 (51,9)	**0,006[a]**
Evitando transfusões*	53 (25,6)	18 (17,5)	35 (33,7)	**0,012[a]**
Evitando beijos*	9 (4,3)	4 (3,9)	5 (4,8)	1,000[b]
Evitando ficar perto de quem tem AIDS*	15 (7,2)	8 (7,8)	7 (6,7)	0,985[a]
Não sabem	14 (6,3)	6 (5,5)	8 (7,1)	0,823[a]

DST: Doenças sexualmente transmissíveis.

* questões de múltipla resposta e os percentuais foram calculados em relação ao total de indivíduos que responderam que sabem sobre a questão.

[a] Valor obtido pelo teste qui-quadrado de Pearson.

[b] Valor obtido pelo Teste Exato de Fisher.

rios de drogas injetáveis, bem como aqueles que necessitaram de transfusão de sangue não testado. Essas respostas foram significativamente diferentes no sexo masculino (p<0,05) (Figura 2).

Quando se analisou a necessidade de se fazer o teste anti-HIV em quem teve o(a) companheiro(a) sexual com DST, pouco mais da metade (56,5%) assinalou afirmativamente e não houve diferença estatística entre os gêneros (Figura 2).

Quase 100% dos entrevistados, de ambos os gêneros, consideram o preservativo masculino (camisinha) como sendo a principal alternativa para se evitar o vírus da AIDS. Cerca de 30% dos adolescentes acredita que ter um só parceiro sexual pode evitar o vírus da AIDS. Além disso, 8% deles ainda creem que o beijo e a proximidade de quem tem AIDS pode ser uma forma de transmissão do vírus. Houve diferença significativa nas respostas das adolescen-

11-455_juventude_e_aids.pmd 377 14/12/2009, 10:53

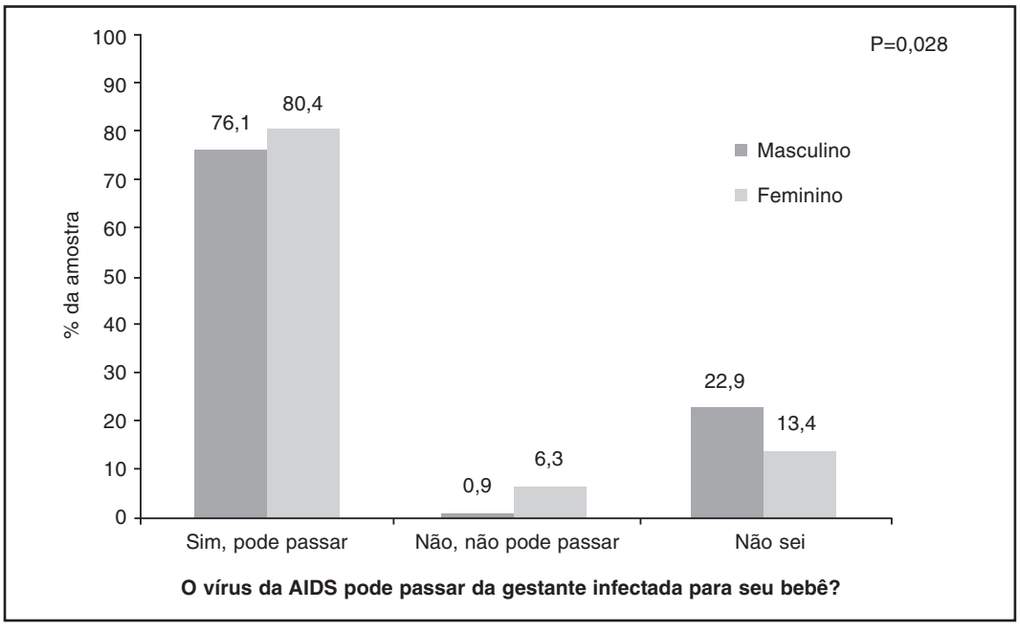


FIGURA 1 – Avaliação da questão sobre transmissão vertical do HIV – masculino – cor escura feminino – cor clara.

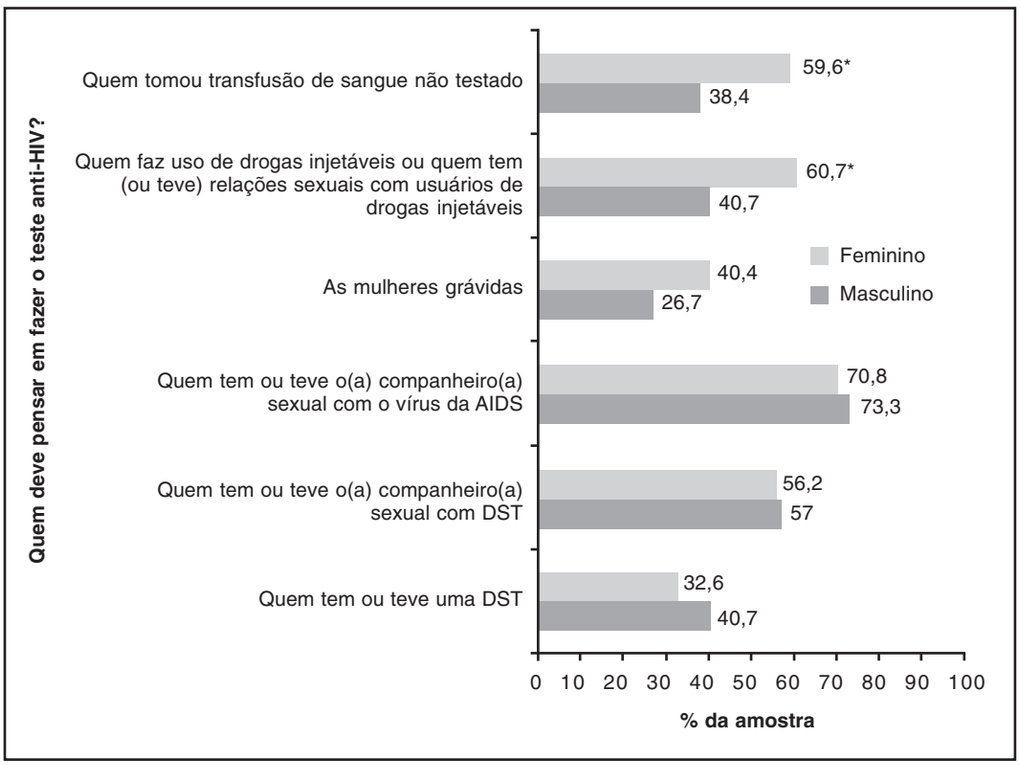


FIGURA 2 – Comparação entre gêneros quanto a grupos de risco para fazer o anti-HIV – *p.

tes com relação à transmissão do HIV. Uma boa percentagem delas acredita que se pode evitar a transmissão do vírus da AIDS, evitando transfusões (P=0,012) e drogas injetáveis (P=0,006) (Figura 3).

DISCUSSÃO

A AIDS tem se tornado um problema crescente em todas as faixas etárias. Entre os adolescentes, as taxas são alarman-

11-455_juventude_e_aids.pmd 378 14/12/2009, 10:53

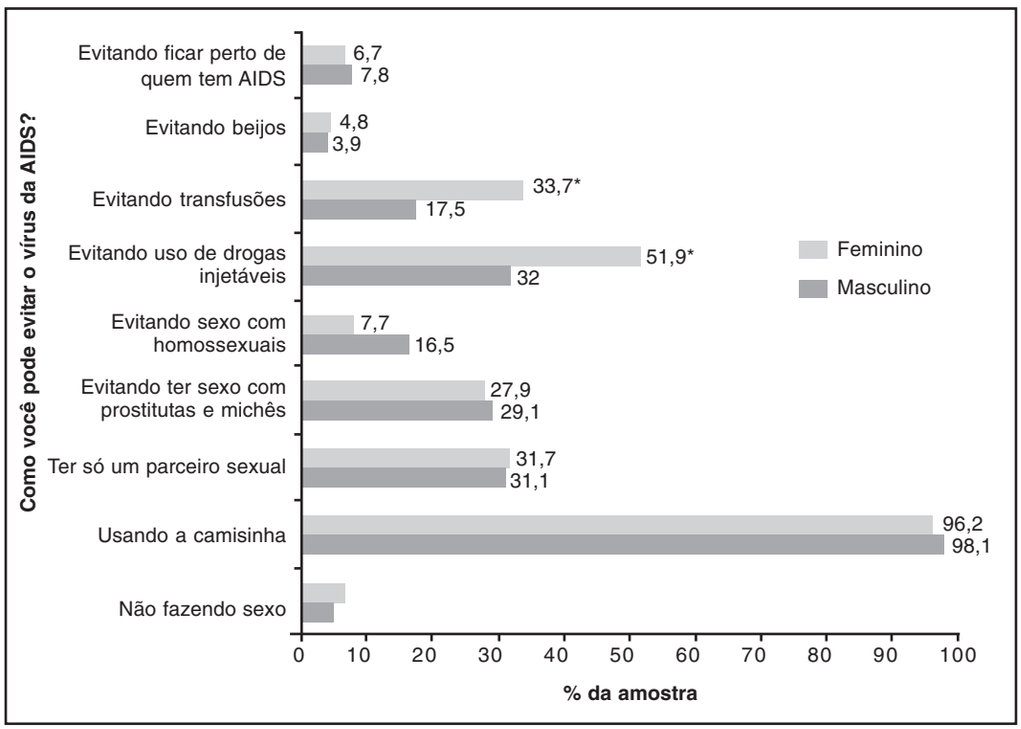


FIGURA 3 – Comparação entre os gêneros quanto aos modos de se evitar o HIV – cor escura-masculino, cor clara-feminino.

tes. Dados oficiais revelam que os jovens entre 15 e 24 anos representam a metade dos novos casos de AIDS no mundo, ocorrendo de formas variáveis (4).

A prevenção da AIDS vem sendo bastante veiculada na mídia e difundida nas escolas e na comunidade através, principalmente, de campanhas para o uso de preservativos. Entretanto, apesar de os jovens terem consciência de que esse método evita tanto a gravidez como DST/AIDS, ele ainda é pouco utilizado no nosso país (1, 4, 8, 9). Além disso, as taxas mais baixas de uso do preservativo nas relações sexuais continuam na faixa etária dos 15 aos 19 anos, com predileção para meninas e com baixa escolaridade (1, 4, 8).

Outras estratégias de prevenção, tais como *workshops*, oficinas e discussão de temas de sexualidade têm mostrado resultados favoráveis na mudança de hábitos dos adolescentes quanto aos cuidados preventivos necessários para se evitar DST/AIDS (4, 6).

No presente trabalho, constatou-se que, na população estudada, o conhecimento sobre a AIDS é adequado na grande maioria dos casos (91% dos adolescentes sabem o que é AIDS e 89,6% sabem que é uma doença causada por um vírus, o HIV). Esses resultados são muito semelhantes aos referidos na literatura nacional e internacional (2, 10, 11). Num estudo realizado por Trajman *et al.* (2003) demonstrou-se que todos os jovens entrevistados tinham conhecimento sobre o significado de AIDS e, praticamente todos, sobre as formas de contaminação. Esse estudo envolveu 945 jovens de escolas públicas e privadas, no município do Rio de Janeiro. Apesar de 94% referirem ser necessário o uso do preservativo para proteção, apenas 34% informaram que sempre usavam preservativo durante o sexo (2).

Por outro lado, num estudo recente realizado por Camargo e Ferrari (2009) em Londrina (PR), onde participaram 117 adolescentes da 8ª série de uma escola pública, verificaram-se cifras de 43,6% para o conhecimento da AIDS (4). Esse resultado é ainda inferior ao encontrado por DiClemente *et al.* (1986), nos primórdios da epidemia, quando estudou 1.326 adolescentes na cidade de São Francisco (USA). Na ocasião, 74% souberam o que era AIDS, 60% que era causada por um vírus e 92% que era transmitida por via sexual (10).

Esses resultados discrepantes encontrados no nosso país, apesar de estar ocorrendo no mesmo momento histórico, podem refletir duas questões: a primeira, o fato de os jovens procedentes de grandes epicentros da doença – como nas capitais e regiões metropolitanas estudadas, possuírem melhor conhecimento a respeito da AIDS; a segunda, o fato de a escola em Canoas (RS) ter um programa de educação sexual e orientação para a prevenção de gravidez não planejada e de doenças sexualmente transmissíveis.

Quando se considerou a diferença entre os gêneros, verificou-se que não houve modificações quanto ao conheci-

11-455_juventude_e_aids.pmd 379 14/12/2009, 10:53

mento da etiologia da AIDS nem do papel do uso do preservativo entre os adolescentes. Felizmente, a quase totalidade dos jovens referiu a importância do uso do preservativo masculino na prevenção das DST/AIDS, não havendo diferença significativa entre os gêneros. Entretanto, ao se considerar outras formas de transmissão (vertical, transfusão sanguínea, uso de drogas injetáveis), constatou-se um conhecimento maior por parte das adolescentes do sexo feminino.

A diferença entre os gêneros tem se apresentado com relevância em alguns pontos cruciais da prevenção da DST/AIDS e gravidez não planejada (12, 13, 14, 15). As normas culturais e sociais mais tradicionais para as relações entre homens e mulheres as tornam mais vulneráveis (6, 12, 13, 14, 15, 16) e deveriam ser consideradas no planejamento das políticas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis. Esse aspecto foi considerado relevante pela primeira vez em 1995, quando foi publicado por Guttmacher *et al.* um estudo que mostrava a importância das diferenças entre os gêneros nas atitudes quanto à prevenção do HIV/AIDS (13). Na ocasião, foram selecionados quase 7 mil alunos de 120 escolas públicas da cidade de New York para responder algumas questões relacionadas às atitudes com relação à prevenção da AIDS e uso de condom. Concluiu-se que as garotas tinham mais medo de contrair a doença, porém usavam menos o preservativo masculino devido a questões relacionadas à inibição em solicitar o condom tanto nos programas de prevenção a DST, que forneciam o preservativo, quanto na relação amorosa.

As diferenças devem ser consideradas no planejamento de qualquer intervenção com fins de educação e conscientização (17) maior parte dos estudos que avaliam o impacto de programas de prevenção entre jovens, entretanto não analisa as diferenças entre gêneros ou avalia essas diferenças apenas em algumas variáveis, dificultando a comparação com o presente estudo (6).

CONCLUSÕES

A existência de programas efetivos na prevenção de DST/AIDS deveria levar em conta as diferenças sexuais, sendo adaptados diferentemente a ambos os sexos, conforme a situação social. Apesar de parecerem estar mais informadas sobre as doenças sexualmente transmissíveis e seus métodos preventivos, as adolescentes representam um grupo de maior risco social, já que se sentem sem a capacidade de requerer o uso do preservativo nas relações sexuais. Dessa forma, restam poucas chances de se prevenir contra DST e AIDS, além de gravidez não planejada.

As concepções equivocadas sobre a transmissão das DST/AIDS entre os nossos jovens devem ser corrigidas, pois se limitam, em grande parte das vezes, a considerar, apenas, a transmissão sexual. Necessitamos de mais ações de prevenção envolvendo jovens dentro e fora das escolas, através da parceria com o governo ou entidades não governamentais, escolas, serviços de saúde e comunidade, levando a uma transformação do conhecimento sobre DST/AIDS em comportamento sexual seguro e imbuído de responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS13F4BF21PTBRIE.htm acessado em 16/07/2009.
2. Trajman A, Belo MT, Teixeira EG, Dantas VCS, Salomão FM, Ledo AJ. Conhecimento sobre DST/AIDS e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1):127-133, jan-fev, 2003.
3. Martins LBM, Costa-Paiva LH, Osis MJD, Sousa MH, Pinto-Neto AM, Tadini A. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, BrasilCad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(2):315-323, fev, 2.
4. Camargo EAI & Ferrari RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. Ciência & Saúde Coletiva, 14(3):937-946, 2009.
5. Jeolás LS, Ferrari RAP. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. Cien Saude Colet 2003; 8(2):611-620.
6. Maria Cristina Antunesa, Camila Alves Peresa, Vera Paivaa, Ron Stallb e Norman Hearstb Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. Rev Saúde Pública 2002; 36(4 Supl):88-95.
7. Cáceres CF, Rosasco AM, Mandel JS, Hearst N. Evaluating a school-based intervention for STD prevention in Peru. J Adolesc Health 1994; 15:582-91.
8. Bemfam. Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil. Adolescentes, jovens e a pesquisa nacional sobre demografia e saúde: um estudo sobre fecundidade, comportamento sexual e saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: CDC/UNICEF; 1999.
9. Antunes AC, Peres CP, Paiva V, Stall R, Hearst N. Diferenças na prevenção da aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. Rev. Saúde Pública 2002; 36(4):88-95.
10. Diclemente RJ, Zorn J, Temoshok L. Adolescents and AIDS: Survey of Knowledge, Attitudes and Beliefs about AIDS in San Francisco. AJPH December 1986, Vol. 76, No. 12; 1443-5.
11. Doreto DT, Vieira EM. Knowledge on sexually transmitted diseases among low-income adolescents in Ribeirão Preto, São Paulo State, Brazil. Cad Saude Publica. 2007 Oct; 23(10):2511-6.
12. Antunes MC, et al. Evaluating an AIDS sexual risk reduction program for young adults in public night schools in São Paulo, Brazil. AIDS 1997; 11(Suppl 1):121-7.
13. Guttmacher S, Lieberman L, Wai HC, Word D, Radosh A, Rafferty Y et al. Gender differences in attitudes and use of condon availability programs among sexually active students in New York city public high schools. J Am Med Woman Assoc 1995; 50:99-102.
14. Paiva V. Fazendo arte com camisinha. Sexualidades jovens em tempos de Aids. São Paulo: Summus; 2000.
15. Paiva V. Sexualidade e gênero num trabalho com adolescentes para a prevenção do HIV/Aids. In: Parker R et al, organizadores. A Aids

11-455_juventude_e_aids.pmd 380 14/12/2009, 10:53

no Brasil (1982-1992). Rio de Janeiro: Relumé-Dumará; 1994. p.231-50. (História Social da Aids, 2).
16. Campbell CA. Male gender roles and sexuality: implications for women's Aids risk and prevention. Soc Sci Med 1995; 41:197-210.
17. Dawson G, Aggleton P. Sex and youth: contextual factors affecting risk for HIV/Aids (a review). Geneva: UNAIDS; 1999.

✉ Endereço para correspondência:
Silvana S. Nader
Rua Marechal Andrea, 310 apto. 202
91340-400 – Porto Alegre, RS – Brasil

Recebido: 17/7/2009 – Aprovado: 4/8/2009

11-455_juventude_e_aids.pmd 381 14/12/2009, 10:53